

GERALDO ANTÔNIO FIAMENGHI JR

ANÁLISE DE PROGRAMAS DE TREINAMENTO PARA PAIS

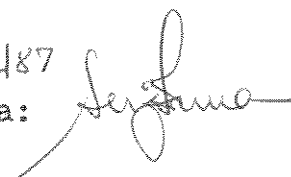
UNICAMP - Faculdade de Educação - 1987

GERALDO ANTÔNIO FIAMENGHI JR

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por Geraldo Antônio Fiamenghi Jr e aprovada pela Comissão Julgadora em 15/12/87.

Data: 15/12/87

Assinatura:



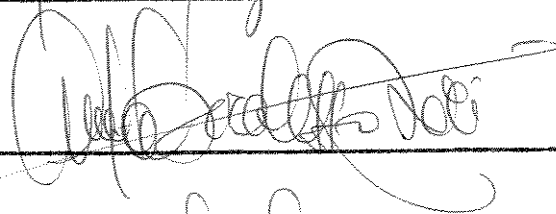
ANÁLISE DE PROGRAMAS DE TREINAMENTO PARA PAIS

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação (área de concentração: Psicologia Educacional), sob orientação do Prof. Doutor Sérgio V. de Luna.

UNICAMP - Faculdade de Educação - 1987

COMISSÃO JULGADORA

Márcia Regina S. de Brito



Leizama

À Cris, com amor ...

Agradecimentos

A meus pais, que sempre foram grandes incentivadores da aquisição do conhecimento, da cultura, sob todas as suas formas;

À Cris, pela força de sempre;

Ao Sérgio, que além de orientador, soube compreender e aceitar as inseguranças e ansiedades.

INDICE

- Sumário	6
I- Introdução	7
II- Revisão da Literatura	21
III- Procedimentos para Análise dos Programas	27
- Categorias para Análise dos Programas	34
IV- Análise dos Programas	37
1. Análise do P.E.T.	37
2. Análise do Families	51
3. Análise do Changing Children's Behavior	61
4. Análise do Como Criar Nossos Filhos	69
5. Análise de Os Pais São Também Professores	80
6. Análise do You and Your Child	86
V- Discussão	93
VI- Conclusão: Propostas	103
VII- Bibliografia	112

SUMÁRIO

Este trabalho destinou-se a analisar programas e manuais de treinamento para pais.

Inicialmente, foi realizada uma revisão histórica da estrutura e das relações familiares, além de uma revisão da literatura especializada em treinamento para pais.

Foram realizadas 6 análises (4 programas e 2 manuais), subdivididas em:

- a) descrição geral dos programas (ou manuais);
- b) análise global;
- c) análise por categorias.

O objetivo deste trabalho consistiu em conhecer as características principais dos programas de treinamento para pais (com orientações teóricas diferentes) e suas principais deficiências, visando propor algumas linhas fundamentais para a realização de um novo programa de treinamento para pais.

I-INTRODUÇÃO

A posição da criança na família, tal como a conhecemos hoje, é relativamente recente na história. Na verdade, a própria estruturação familiar atual é recente. Segundo pesquisadores como Shorter (1977), Ariès (1981) e Badinter (1985), até o final do século XVIII e princípios do século XIX, a forma de criar filhos era bem diferente da atual nas sociedades civilizadas. As crianças eram, desde o nascimento, afastadas do convívio familiar, entregues aos cuidados (não muito satisfatórios, na maioria das vezes) de amas-de-leite pagas, com as quais viviam grande parte da primeira infância, quando não morriam por falta de assistência. Badinter (1985) cita o tenente-geral da polícia de Paris, que num relatório de 1780, afirma que das 21 mil crianças nascidas anualmente, 19 mil eram enviadas a a-

mas.

Quando voltavam ao lar, as crianças eram incorporadas à vida dos adultos, misturavam-se a eles, não dispunham de apo^umentos separados. Na verdade, até o século XVIII, não havia muta privacidade, nem para as crianças, nem para os adultos. Segundo Ariès (1981), as casas dispunham de cômodos amplos, onde todos conviviam e dormiam juntos.

As mães, vimos, não tinham por hábito amamentar os filhos. As mulheres dedicavam-se muito mais à vida social (passeios, bailes, jantares) do que a serem mães. Conviviam pouco com os filhos, as ligações afetivas não eram fortes. Na verdade, as mulheres chegavam a considerar os filhos como estorvos às suas vidas e procuravam logo formas de afastarem este incômodo.

Como ainda não existiam os colégios internos, tão em moda no século XIX, os filhos eram mandados a preceptores e as filhas eram enviadas a conventos. Até o aparecimento das escolas, era hábito as famílias "trocarem" filhos, isto é, mandavam seus filhos a casas de outras pessoas para aprenderem as regras do mundo adulto. Era uma forma de trabalho, pois as cri-

anças serviam como criados e aprendiam, em troca, todas as complexas regras sociais da época, necessárias às suas vidas. Este hábito era tão disseminado socialmente que, quando apareceram as escolas, poucos pais colocaram lá seus filhos. As escolas eram consideradas nocivas ao crescimento da criança.

Pouco a pouco, as escolas foram se consolidando como um local para fornecer aprendizagem às crianças. Ricos e pobres frequentavam as mesmas escolas, da mesma forma que ricos e pobres eram "trocados" anteriormente para a aprendizagem informal nas casas de outros.

O poder do pai era extremamente amplo nesta sociedade: podia dispor do filho como bem lhe aprouvesse, mandar prendê-lo, dispor de seus bens, permitir ou impedir seu casamento. Em termos de relações afetivas, estas quase não existiam: pais e filhos pouco se falavam e se viam.

A importância da criança no contexto familiar começou a aumentar a partir das frequentes guerras européias e da crescente necessidade de mão-de-obra para as indústrias nascentes. Nesta época (século XVIII), os "humanistas" começaram a pre-nizar uma maior necessidade de convívio entre pais e filhos.

Começaram a aparecer livros onde se destacavam as vantagens do aleitamento materno e a necessidade de se cuidar da criança, mantendo-a próxima dos pais. A criança passou a ser encarada como um bem precioso pelas vantagens que se poderiam obter delas, necessário demais para que se pudesse permitir sua morte na infância.

Nesta nova mentalidade, as mães, logicamente, começaram a ser responsabilizadas pelos cuidados dispensados aos filhos. Passaram a ser identificadas como "santas", cujo dever sagrado é sofrer as agruras da maternidade, sem esperar recompensas.

O papel do pai, contudo, continuou a ser aquele de "mantenedor", que provê o sustento do lar, mas não tem nem tempo, nem disposição para dedicar-se à família, após um dia estafante de trabalho.

Às mulheres, então, foi atribuído o papel de protetoras da saúde e felicidade da criança, as zeladoras do bem-estar dos filhos. Aquelas que se rebelaram contra este papel foram bastante criticadas e colocadas no ostracismo, como castigo pela negligência e descaso em relação ao dever divino de se

rem mães.

Assim, as mulheres eram obrigadas a optar entre dois polos distintos: aquelas que iriam manter-se como mulheres, adquirindo cultura, instruindo-se e aquelas que iriam tornar-se mães. Os dois papéis eram excludentes. As mulheres que optavam por viver a própria vida, embora adquirissem cultura, conhecimento, estavam isoladas socialmente, eram consideradas intelectuais, "preciosas", frias, deserdavam da sua função primordial que é serem mães. Aquelas que optavam pela maternidade, ganhavam a aprovação e a gratidão social, pois cumpriam com seu dever¹.

Embora possamos dizer que muita coisa mudou em nossa época, não temos ainda tanta certeza de que estas mudanças foram assim tão profundas.

Hoje, a mulher que trabalha fora de casa é reconhecida e seus direitos são conquistados a cada dia, mas ainda assim, é a ela que são dirigidas as cobranças pelos eventuais problemas ocorridos com as crianças. A Psicologia encontra justifica

1. Até aqui, fizemos um apanhado geral dos trabalhos de Shorter (1977), Ariès (1981) e Badinter (1985).

tivas para enfatizar a importância da presença da mãe no desenvolvimento da criança: ora como figura fundamental para o estabelecimento e desenvolvimento do ego infantil, ora como a base para a vinculação da criança e seu desenvolvimento afetivo. Na verdade, a maioria dos trabalhos com objetivo de orientar os pais, visam mais atingir a mãe, que se tornou a responsável direta pela educação dos filhos. Além das justificativas já citadas, existe também o fato de os pais se encontrarem menos disponíveis em casa, devido ao maior tempo dedicado ao trabalho, além de frequentemente trazerem trabalhos para terminar em casa.

Este acúmulo de responsabilidades provocou e provoca até hoje uma situação de culpa nas mães, que se tornam ávidas leitoras de todo tipo de conselhos e orientações sobre educação de filhos.

É recente na Psicologia a valorização do papel do pai na formação da personalidade da criança, de sua importância como aquele que irá auxiliar a criança a desenvolver sua identidade, impor os limites das normas sociais e refletir as bases culturais onde a família está inserida. Este papel deve ser a-

tributo do pai que, juntamente com a mãe, precisa compartilhar as responsabilidades pela educação dos filhos.

Esta digressão histórica tem como objetivo situar atualmente a importância de um trabalho de treinamento para pais, ou melhor, discutir a necessidade de se treinar os pais para a educação dos filhos em nosso contexto atual.

Quais os fatores básicos a se considerar num programa de treinamento para pais?

Fundamentalmente, as formas de se educar os filhos são baseadas principalmente em fatores culturais. Com isso, queremos dizer que a cultura determina, em cada época e em cada sociedade, as formas mais adequadas de criação de filhos. Fatores de peso na cultura, ou seja, sociais, econômicos e políticos entram em jogo. Como vimos, as mudanças provocadas no século XVIII na maneira de se educar os filhos foram devidas a necessidades econômicas: a necessidade de mão-de-obra numa civilização que começava a industrializar-se não poderia prescindir de vidas humanas, que se perdiam aos milhares, com a falta de cuidados dispensados às crianças.

Qual será, então, a melhor maneira de se orientar os

pais num meio em constante modificação como o nosso?

Evidentemente, não podemos nos esquecer dos resultados que as pesquisas em Psicologia nos trouxeram. Concepções como privação afetiva, apego, identificação, modelos, possibilitaram a compreensão de uma série de problemas que a ausência de figuras parentais poderiam causar na criança, principalmente nos primeiros meses de vida.

Mas os fatores psicológicos estão de tal forma integrados com os culturais que não podemos, com certeza, isolar uns dos outros e atribuir-lhes relações causais diretas. Por exemplo, podemos afirmar com certeza que a privação da figura materna provoca danos irreparáveis à socialização posterior da criança, numa sociedade onde todas (ou quase todas!) as crianças eram separadas das mães, como nas sociedades do século XVIII? Como será possível conciliar as necessidades atuais de trabalho para as mulheres com as necessidades dos filhos? Seria possível determinar com certeza a idade ideal onde as mães já não seriam tão necessárias às crianças quanto nos primeiros meses? E Estas necessidades das crianças seriam realmente uni-

versais?² E o papel do pai? Seria o pai apenas um acessório à procriação e à manutenção econômica da família?

E mais claramente para o psicólogo, de que critérios e le pode se valer para dizer aos pais o que está certo ou errado na educação dos filhos? Quais as responsabilidades efetivas dos pais?

Estas são questões profundamente éticas. Quando um casal procura uma orientação, significa que está fazendo um pedido. Este pedido não é necessariamente o do filho. Quais são os direitos que temos de aceitar, sem questionamento, o poder dos pais de decidirem sobre qual comportamento do filho será mais adequado ou não? Estes comportamentos, são generalizáveis a outras crianças? Não tem sido este o objetivo de um programa de treinamento, esquematizar ou compilar uma série de atitudes e comportamentos que as crianças devem aprender e desenvolver e transmiti-los aos pais para que estes ensinem aos filhos?

Existem linhas de trabalho em Psicologia que nos de-

2. ROSSETTI-FERREIRA (1986) nos mostra que as crianças inglesas sentem menos a ausência das mães nos primeiros meses do que as americanas, por exemplo (p.132-fig. 1-V).

mostram o que é chamado "duplo vínculo", isto é, situações onde o filho fica sem saída diante das exigências parentais. Por exemplo, os pais batem na criança e dizem que é porque as amam. Ou exigem que a criança nunca minta, mas pedem que ela diga que eles não estão em casa quando alguém telefona. A discriminação entre certo/errado, verdade/mentira é extremamente sutil nestes casos e a criança fica sem saída. Dependente dos pais, não pode simplesmente abandoná-los ou deixá-los de lado. Então escolhe outra saída e começa a denunciá-los de forma mais sutil, com sua inadequação de comportamento ou dificuldades escolares. Denuncia a doença da família, adoecendo ela mesma³.

Então, como trabalhar? Individualmente, em terapia? Esta tem sido uma solução. Coloca-se o problema na criança e adequa-se seus comportamentos aos esperados pelos pais. Atendimento familiar? Também é outra solução; assim a família perce-

3. Este fato é também vivenciado por todos aqueles que têm oportunidade de trabalhar em psicoterapia infantil. Às vezes, a queixa dos pais é tão grave e, ao atender a criança, verificamos que esta se encontra muito mais bem estruturada, mas que os pais não conseguem perceber, pois seria muito mais angustiante acreditar que o problema está nos pais e não na criança.

be seu problema e tenta solucioná-lo como conjunto.

A Natureza do Trabalho com os Pais

Na verdade, esta pesquisa teve origem no trabalho em psicoterapia familiar a nível de clínica, desenvolvido pelo autor. O objetivo de um atendimento familiar é evitar que problemas familiares levem a criança a apresentar problemas de comportamento e ser encaminhada para uma psicoterapia, quando os maiores implicados (pais) não assumem esta psicoterapia. Este trabalho não é novo, surgiu nos USA (Palo Alto- Ca) com estudos de comunicação (grupo de Virginia Satir), a partir de trabalhos de Laing, Cooper, Mannoni e outros.

Entretanto, existem algumas restrições à psicoterapia enquanto trabalho mais amplo, preventivo, pois, em geral, é realizada mais a nível curativo e baseada num modelo médico. Além disso, a psicoterapia é, na maioria das vezes, um processo longo, oneroso para a família e abrange poucos indivíduos de u

ma só vez. A terapia infantil tem o limite de não se poder observar as interações pais-criança que ocorrem mais espontaneamente dentro de casa. Ademais, o número de crianças que necessitam de acompanhamento é grande e seria difícil atender individualmente cada criança.

Além disso, quando nos referimos à psicoterapia, estamos falando de problemas que chegam a níveis extremos, como por exemplo, uma psicose infantil. Existem outras situações onde os problemas são menos sérios, as soluções, mais elementares. Os pais não são sempre algozes de seus filhos (ou, pelo menos, acreditamos que não!); na maioria das vezes a questão é desinformação, falta de uma linha condutora para exercer a paternidade.

As restrições apontadas acima não invalidam, no entanto, a importância da psicoterapia, mas levantam a necessidade de um trabalho que atinja uma população maior. São claras a efetividade e a eficácia da psicoterapia sobre o núcleo familiar, mas atingir, ao mesmo tempo, vários núcleos familiares, de forma a não apenas solucionar os conflitos existentes, mas também ensinar aos pais como evitá-los, é (ou deveria ser) o obje

tivo de um programa de treinamento de pais a nível educacional.

Podemos tentar estabelecer uma diferenciação entre o trabalho clínico e o educacional, que justifique a pertinência deste último com os pais. Esta diferenciação é extremamente complexa, pois trata-se de estabelecer os limites entre a clínica e a educação, o que nem sempre é claro.

Na verdade, sob o aspecto dos resultados finais obtidos, a clínica tem uma característica educacional. Ou seja, o cliente apresenta mudanças significativas na forma de refletir e comportar-se e isto implica a ocorrência de aprendizagem. Em relação ao trabalho com pais, esta diferenciação torna-se mais complexa, mais difícil de ser realizada,

No aspecto educacional, deseja-se que o trabalho seja preventivo, abrangente e duradouro. Preventivo, para evitar que futuros problemas ocorram; abrangente, no sentido de atingir uma larga faixa da população; e duradouro em relação à estabilidade e generalização dos conteúdos aprendidos.

E a clínica? Talvez a única diferença esteja no aspecto preventivo, pois, em geral, o trabalho clínico segue um mo-

delo médico, que é tradicionalmente remediativo.

Mas surge outra dúvida. Realmente, pode-se falar em prevenção na Psicologia? Como prever se determinado comportamento dos pais irá realmente produzir um problema nos filhos?

Sabemos hoje, como resultado de algumas pesquisas, que determinados comportamentos dos pais podem atingir de forma negativa os filhos. Entretanto, como vimos, as formas de se educar as crianças estão tão ligadas a expectativas sociais e culturais de determinadas épocas, que fica difícil falar em prevenção. Talvez fosse mais adequado falar-se em expectativas. Neste caso, para um trabalho com pais ser realmente preventivo a nível educacional, deveria ser realizado, como diz Hawkins (1972), antes de os pais se tornarem pais...

II- REVISÃO DA LITERATURA

Foi realizado um levantamento bibliográfico visando conhecer as pesquisas na área de treinamento para pais: quais os seus objetivos, as técnicas utilizadas, os conteúdos dos programas e as possibilidades de replicação dos resultados.

Segundo O'Dell (1974), já durante a II Guerra surgiram grupos de pais. Graziano (1977) coloca que Freud foi o primeiro a utilizar o pai como agente psicanalítico (Caso do Pequeno Hans, em 1909). A partir do desenvolvimento das teorias de Skinner, começou-se a aplicar, na década de 60, os princípios da modificação de comportamento a situações-problema entre pais e filhos.

O treinamento para pais surgiu em decorrência de vários fatores.

Primeiramente, os estudos sobre desenvolvimento infan-

til demonstraram que os pais são a primeira e até a idade escolar, quase as únicas influências importantes na vida da criança. São os pais que irão exercer a tarefa de socialização da criança nos primeiros anos de vida, ensinando as regras da comunidade onde ela vai viver, impondo os limites e disciplinando-a quando ela viola estas regras. Além disso, os pais servem como modelos que a criança irá imitar.

Em segundo lugar, percebeu-se que a modificação do comportamento da criança é mais efetiva quando realizada em seu ambiente natural. A criança permanece a maior parte do tempo em casa, junto com os pais, pelo menos até a idade escolar. A solução de problemas está, então, em modificar o ambiente familiar.

Os primeiros estudos visavam determinar se a modificação do comportamento dos pais provocaria mudanças nos filhos. Com o sucesso obtido, as pesquisas concentraram-se no desenvolvimento de tecnologias para implementar os programas e a extensão dos resultados a vários problemas.

Graziano (1977) fornece uma listagem destes problemas enfocados pelas pesquisas em modificação de comportamento (p.

259 e ss.):

1. problemas envolvendo sistemas somáticos: dores de estômago, hábitos motores manipulativos (como roer unhas, chupar dedos), obesidade, problemas de pele, problemas de eliminação (como encoprese, enurese, constipação intestinal), asma, colite ulcerativa, anorexia nervosa.
2. problemas agrupados em "síndromes": deficiência mental, problemas neurológicos, esquizofrenia, autismo.
3. comportamentos agressivos, negativismo, violência.
4. redução de fobias.
5. problemas de fala e linguagem.

As pesquisas também tentaram avaliar os tipos de treinamento mais efetivos com os pais. Assim, foram realizados grupos educacionais, consultas individuais e ambientes controlados para aprendizagem. O treinamento para pais em grupos desenvolveu-se a partir de discussões não estruturadas até grupos relativamente estruturados.

As técnicas empregadas nos programas de treinamento para pais foram as mais diversas: conselhos verbais, filmes, textos de instrução programada, observação (enquanto os pais inte

ragem com os filhos), fornecimento de "dicas" (com sinais luminosos, sinais manuais, walkie-talkies, fones de ouvido), modelação (o experimentador demonstra o comportamento que o pai deve emitir), treino de comportamento, video-tape. Muitos pesquisadores utilizaram uma combinação de todas estas técnicas.

Quanto ao conteúdo, as pesquisas em modificação de comportamento se dividiram em:

1. ensino de conhecimentos de modificação de comportamento a nível verbal: entendimento dos princípios de aprendizagem perante e conhecimento da maneira pela qual os comportamentos indesejáveis são produzidos e mantidos.
2. ensino de habilidades comportamentais: ensinar aos pais como definir comportamentos, contá-los, fazer gráficos de frequência, aplicar contingências que irão acelerar ou diminuir a frequência dos comportamentos e procedimentos de time-out.

Os pesquisadores concluíram que as técnicas envolvendo aprendizagem de procedimentos a nível verbal necessitam de que os pais tenham um maior grau de instrução, ao passo que aqueles envolvendo aprendizagem de treino de comportamentos não-

verbais a serem emitidos são capazes de produzir resultados numa faixa maior de pais (O'Dell, 1974).

Um aspecto que demorou a ser percebido pelos pesquisadores foi o fato de que os pais também precisam ter seu comportamento reforçado. Partindo do princípio de que o controle do ambiente é uma tarefa altamente reforçadora para a maioria das pessoas, Gardner (1976) coloca algumas estratégias para um programa de treinamento para pais:

1. O treinamento para pais deve ser estruturado para permitir mudanças de comportamento o mais rapidamente possível;
2. Assim que a modificação ocorre, a relação entre a intervenção e a mudança deve ser identificada;
3. Comportamentos com baixa frequência (ler textos, comparecer a encontros, coletar dados) devem ser diretamente relacionadados com a mudança do comportamento.

Um último aspecto relevante a ser comentado em relação à modificação do comportamento da criança pelos pais diz respeito a uma questão ética: até que ponto os sistemas de reforçamento efetivo irão eliminar (ou reduzir) o comportamento exploratório da criança? O estabelecimento de uma atitude de a-

ceitação passiva da autoridade por parte da criança tem profun
das implicações nas mudanças sociais... (Gardner, 1976).

III- PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS PROGRAMAS

A realização de análises dos programas de treinamento para pais cumpre três objetivos terminais inicialmente propostos para este trabalho:

1. Identificar os principais pontos de um programa de treinamento para pais a partir da comparação entre alguns programas disponíveis, analisando sua utilidade.
2. Verificar a viabilidade de se criar um novo programa de treinamento.
3. Fornecer propostas e sugestões para a elaboração de um programa de treinamento para pais⁴.

4. Na verdade, o ideal seria elaborar este programa e aplicá-lo, para podermos avaliar e discutir sua eficácia. No entanto, devido ao tempo disponível no mestrado, a elaboração e aplicação deste novo programa não será realizada. Assim, iremos restringir nosso trabalho ao fornecimento de propostas para a elaboração de um novo programa de treinamento para pais.

A determinação de procedimentos para a análise de programas de treinamento para pais não é uma tarefa simples. Muitos procedimentos podem ser considerados, mas nem sempre são a adequados. Por exemplo, a comparação entre os diversos programas de acordo com suas características levantadas pode ser um procedimento aplicável, mas corremos o risco de privilegiar de terminadas abordagens teóricas. Por outro lado, a crítica interna poderia ser um procedimento mais "justo" para análise, pois o programa seria analisado em si; entretanto, como tirar qualquer conclusão quanto à sua superioridade em relação a outros programas?

A solução mais adequada foi a determinação a priori de categorias para análise, mas de forma geral, o que permitiria a inclusão de novas categorias ou ressalvas quando aparece rem características importantes que não se enquadrassem nas ca tegorias gerais. Não podemos, também, fugir da comparação entre os programas, a partir das categorias levantadas.

Desta forma, nosso procedimento para análise ficou assim determinado:

1. Crítica interna dos programas.

2. Levantamento de categorias para análise.
3. Comparação entre os programas, baseada nas categorias levantadas.

Devemos aqui abrir um parêntese para colocarmos nosso ponto de vista a respeito dos pontos fundamentais a serem considerados num programa de treinamento para pais, que embasam as categorias que estabelecemos.

De tudo o que foi questionado anteriormente, podemos definir algumas linhas mestras que devem nortear um programa de treinamento para pais.

Primeiramente, em nosso ponto de vista, um programa de treinamento para pais deve possuir um objetivo bem definido. Este objetivo deve dirigir-se mais à conscientização dos pais para suas dificuldades em relação à educação dos filhos do que dirigir-se às queixas (pedidos) dos pais. O objetivo é importante para se ter certeza de que o pedido dos pais será útil ao desenvolvimento da criança ou apenas servirá aos próprios pais. Isto não significa que os pais não devam ser ajudados a solucionar problemas específicos. No entanto, deve-se atentar para o risco de se aumentar o poder do pai sobre o filho, quan

do estão à sua disposição poderosas técnicas de manipulação e controle do comportamento. Por isso, o programa, antes de apenas ensinar procedimentos para modificação de comportamento, deve alertar os pais para as origens destes comportamentos, isto é, investigar como está sendo efetivada a relação entre os pais e os filhos, como está a comunicação entre eles. Isto ajudará os pais a realmente efetuarem um questionamento pessoal sobre suas responsabilidades em relação aos filhos e até que ponto têm sido modelos adequados: até que ponto os pais não estão sendo os responsáveis pelos comportamentos inadequados e/ou dificuldades que os filhos vêm apresentando.

A população a quem se dirige o programa também é muito importante. O programa deverá ser dirigido ao casal, não apenas à mãe. É fundamental o papel do pai no desenvolvimento da criança. Este papel não é apenas o de mantenedor econômico do lar, mas também daquele que estabelece limites para a criança, demonstra afeto, fornece as bases para uma identificação sexual e compartilha responsabilidades com a mãe. Além disso, é importante que o programa forneça dicas sobre o nível sócio-econômico da família e sobre a faixa etária das crianças a

quem se dirige. Um programa deve ser capaz de abordar desde o trabalho com crianças pequenas, até adolescentes. Obviamente, um programa pode ser desenvolvido para lidar com crianças em faixas etárias específicas, mas neste trabalho preferimos optar por analisar programas mais abrangentes, que permitem uma utilização mais duradoura, à medida que os filhos vão crescendo.

Outro ponto a ser considerado são as estratégias utilizadas pelo programa. As estratégias nos dão uma medida de como o programa irá atingir os objetivos propostos. As estratégias supõem as formas pelas quais os programas serão apresentados aos pais⁵. Neste ponto, deve-se verificar se o programa é apresentado sob a forma de um livro-texto, apenas com conteúdo teórico ou se é possível aplicar este conteúdo. Na verdade, um bom programa deveria apresentar um conteúdo teórico e as for-

5. Caberia aqui uma distinção entre um manual e programa. Um manual é um trabalho de consulta, trazendo informações gerais sobre determinado assunto, "conselhos", "dicas", ao passo que um programa descreve um conjunto de procedimentos a serem seguidos, tendo em vista um determinado objetivo. O manual presta-se mais à consulta, ao passo que um programa só é efetivo se for realizada uma aplicação direta. Em nosso trabalho existem análises tanto de manuais, quanto de programas.

mas de aplicação deste conteúdo. Além disso, um programa deve fornecer noções sobre desenvolvimento da criança (deixando claros os limites culturais) de modo que os pais possam situar-se de forma segura. Pelo menos, que indique referências bibliográficas confiáveis sobre o assunto.

Estes pontos abordados a respeito de programas de treinamento para pais não são, evidentemente, os únicos. Mas, em nosso entender, são relevantes e por isso foram enfatizados. É a partir deles que foram montadas as categorias para as análises dos programas aos quais tivemos acesso.

Continuando com a descrição de nosso procedimento de análise dos programas, em primeiro lugar está a realização de uma crítica interna.

A crítica interna dos programas dividiu-se em três partes. Primeiramente realizamos uma descrição geral de cada programa, seus objetivos principais e características mais marcantes. Em seguida, realizamos uma análise global, visando levantar as vantagens e desvantagens dos programas, sua utilização e estruturação. Em terceiro lugar, realizamos uma análise baseada em categorias por nós montadas. Esta análise por catego-

rias nos fornece elementos para a crítica interna dos programas, que é o primeiro procedimento para análise, mas também permite uma comparação entre eles, que é o último passo de nosso procedimento.

CATEGORIAS PARA ANÁLISE DOS PROGRAMAS

As categorias que seguem foram baseadas nos temas considerados mais relevantes num programa de treinamento para pais. Estas categorias fornecem, junto com a crítica interna dos programas, os procedimentos para análise destes programas, pois também permitiram a realização de comparações entre eles.

As categorias são as seguintes⁶:

1. Objetivo: o programa é dirigido às queixas dos pais apenas, ou a um trabalho de conscientização de suas dificuldades em relação à educação dos filhos?
2. População: a) o programa é dirigido ao casal ou apenas à mãe? Nesta última hipótese, o que fundamenta o autor a desconsiderar ou minimizar a influência e o papel do pai na re

6. Repetimos aqui que estas categorias não são as únicas existentes. Mas após experimentarmos outras categorias, que não se mostraram suficientes para análise (como, por exemplo, fenômenos privilegiados, categorias básicas, pretensão crítica, modo de argumentação, escola metodológica, amostra, descrição precisa dos comportamentos) resolvemos abandoná-las e substituí-las pelas categorias atuais.

lação familiar?

b) o programa é dirigido a uma faixa etária específica ou a qualquer faixa etária?

c) o programa indica (ou permite inferir) o nível sócio-econômico da família?

3. Estratégias: como o programa é apresentado aos pais, de forma a atingir seus objetivos: livro-texto com conteúdo teórico apenas, conteúdo teórico + formas de aplicação deste conteúdo, exercícios de instrução programada, grupos de pais? Além disso, é um programa ou manual e fornece informações sobre desenvolvimento (ou, pelo menos, referências bibliográficas sobre o assunto)?

As análises dos programas foram assim estruturadas:

1. Descrição geral do programa, suas características principais e objetivos.
2. Uma análise global, com o objetivo de levantar os pontos mais relevantes dos programas e questioná-los.
3. Uma análise segundo as categorias definidas acima.

Os programas a serem analisados são os seguintes⁷:

1. BECKER, W.- Os Pais São Também Professores.
2. DODSON, F.- Como Criar Nossos Filhos.
3. GORDON, T.- P.E.T.: Parent Effectiveness Training.
4. KRUMBOLTZ, J. & KRUMBOLTZ, H.- Changing Children's Behavior.
5. PATTERSON, G.- Families.
6. WAGONSELLER, B. & McDOWELL, R.- You and Your Child: a common sense approach to successful parenting.

7. Estes não são os únicos programas existentes, nem os únicos a que tivemos acesso. Foram escolhidos por representarem situações mais abrangentes e for necerem maiores condições para análise.

IV- ANÁLISE DOS PROGRAMAS

1- ANÁLISE DO P.E.T. (Parent Effectiveness Training):

a) Descrição do programa

Este programa de treinamento para pais, proposto por Gordon, em 1970, foi amplamente divulgado nos Estados Unidos (somente em livros, o programa vendeu 600000 exemplares, em 5 anos). Não se dispõe de dados sobre sua vendagem no Brasil, mas sabe-se que foi um texto bastante divulgado entre nós, especialmente entre profissionais adotando a chamada orientação humanista.

O P.E.T. é realizado através de um curso, com duração de 8 semanas.

Os pais formam grupos de discussão e treinamento, dis-

cutindo seus problemas com um instrutor especialmente treinado no P.E.T.

Os pais praticam técnicas, chamadas "ouvir ativamente", "mensagens-eu" e "não-perda", antes de utilizá-las no relacionamento com os filhos.

O autor inicia o programa apresentando suas vantagens, como, por exemplo:

- eliminação do " conflito entre gerações": os adolescentes não se rebelam contra os pais;
- eliminação da punição na disciplina dos filhos.

Gordon propõe a compreensão do que é chamado "relacionamento total efetivo" com a criança.

O autor diz que o P.E.T. não é um método permissivo e que os pais aprendem um papel não-diretivo, através do "ouvir-ativamente".

Segundo o autor, a efetividade do P.E.T. é demonstrada pelas cartas recebidas pelos organizadores, onde as famílias afirmam que a utilização deste método melhorou o relacionamento entre seus membros.

O acesso a este programa de treinamento para pais rea-

lizou-se através do livro publicado pelo autor do P.E.T., Thomas Gordon, em 1970 (1ª ed.) e 1975 (2ª ed. revista). Este livro é um guia para o programa, idealizado para as famílias que não tiveram acesso aos cursos realizados por todos os Estados Unidos e Canadá.

O P.E.T. enfoca a relação pais/filhos sob os aspectos seguintes⁸:

1. Os pais são acusados, mas não são treinados.
2. Os pais são pessoas, não são deuses.
3. Como ouvir, para que seus filhos falem com você.
4. Colocando em ação sua habilidade de "Ouvir Ativamente".
5. Como ouvir as crianças muito novas, para que elas falem mais.
6. Como falar, para que seus filhos ouçam você.
7. Colocando em ação as "Mensagens-eu".
8. Mudar comportamentos inaceitáveis através de mudanças no ambiente.
9. Conflitos inevitáveis entre pais e filhos. Quem deve vencer?

8. Estes aspectos foram extraídos do índice do programa.

10. Pátrio-poder: necessário e justificado?
11. O método da "Não-perda" para solução de conflitos.
12. Os medos e preocupações dos pais acerca do método da "Não-perda".
13. Colocando em ação o método da "Não-perda".
14. Como evitar ser "despedido" como pai.
15. Como os pais podem prevenir conflitos através da modificação de si mesmos.
16. Os "outros" pais de seus filhos.

Antes de iniciar a análise global, é importante esclarecer que o programa é baseado na linha de pensamento de Carl Rogers. Desta forma, muitos conceitos apresentados requerem um mínimo de conhecimento do pensamento rogeriano, que não será explicitado aqui. Para maiores informações sobre o pensamento rogeriano sugerimos a leitura dos livros "Terapia Centrada no Cliente" (Ed. Martins Fontes), "Tornar-se Pessoa" (Moraes Ed.) ambos do próprio Rogers e "Carl Rogers" (Livraria Santo Antonio), de Henrique Justo.

b) Análise global

A nível global, existem três aspectos que parecem relevantes ao se avaliar o P.E.T.:

1. a fundamentação das afirmações feitas pelo autor;
2. a definição dos conceitos utilizados;
3. a fidedignidade das mudanças obtidas no comportamento dos filhos.

Em relação ao primeiro item, durante todo o livro, o autor faz afirmações categóricas e definitivas sobre desenvolvimento infantil e relações pais/filhos. Entretanto, em nenhum momento são feitas referências às fontes de onde surgiram estas afirmações.

Por exemplo, o autor coloca que os pais aceitam com mais facilidade as crianças passivas e dependentes. Pode ser verdade, talvez, mas como foi comprovada esta afirmação? Ou, por exemplo, quando o autor define o "princípio da participação": uma pessoa é mais motivada para assumir uma decisão da qual ela participou do que de uma decisão que lhe foi imposta. De onde surgiu este "princípio", como é aplicado, em que situações é válido?

Estes exemplos são evidentes em todos os capítulos do livro, levando-nos a questionar a validade destas afirmações, tanto a nível de embasamento e comprovações empíricas, quanto a nível de utilização do método⁹.

Outra questão é a definição dos termos utilizados pelo autor.

Já foi explicitada a orientação teórica de Gordon e a necessidade de se conhecer o pensamento rogeriano para entender certos conceitos, como autenticidade, relacionamento total efetivo, aceitação incondicional. Juntamente com os conceitos de "mensagens-eu", "não-perda", "ouvir ativamente", formam o que poderíamos chamar de categorias que embasam o P.E.T., sendo assim definidos:

- mensagens-eu: são mensagens que os pais dirigem aos filhos, começando pelo pronome "EU", em lugar de "VOCÊ". Segundo o au-

9. É possível que existam estes dados, mas eles não constam do livro. Embora o motivo seja o fato de que o livro é um material de divulgação, a ausência dos dados citados demonstra o caráter de "receituário" do livro, já que indica que os pais não precisam conhecer os dados.

tor, a "mensagem-eu" é decodificada pelos filhos como uma afirmação de fato sobre os pais, ao passo que as "mensagens-você" subentendem uma avaliação dos filhos feita pelos pais. O objetivo das "mensagens-eu" é comunicar à criança o efeito de seu comportamento sobre os pais, em vez de ameaçá-la. Por exemplo, p. 115:

. mensagens-você: Você é desagradável!

Você está agindo como um bebê .

Por que você não é bom?

. mensagens-eu: Eu não consigo descansar quando alguém pula em minhas costas.

Eu não tenho vontade de brincar quando estou cansado.

Eu gosto de jantar na hora certa.

- não-perda: é um método de solução de conflitos onde não há o jogo de poder vencedor ou perdedor, ou seja, onde os indivíduos possuem poder igual ou relativamente igual, isto é, um relacionamento igualitário. Na solução de um conflito pelo método da "não-perda", não há perdedores, pois a solução será aceitável para ambas as partes. Entre as vantagens do método da "não

perda", segundo o autor, estão as seguintes: a criança é motivada a procurar soluções, há maiores chances de se encontrarem soluções de alto nível, há o desenvolvimento de habilidades de pensamento da criança, eliminação da necessidade de poder, etc.

- ouvir ativamente: o processo de ouvir ativamente é uma forma de envolver o "emissor" e o "receptor" da mensagem. O "receptor" é tão ativo quanto o "emissor". No "ouvir ativamente" o "receptor" tenta entender o que o "emissor" está sentindo ou o que significa a sua mensagem. Então, ele coloca a mensagem em suas próprias palavras e as devolve para que o "emissor" possa verificá-las. O "receptor" não envia uma mensagem própria (como uma avaliação, opinião, análise, pergunta). Ele somente devolve o que sente ser o significado da mensagem ao "emissor", nada mais, nada menos. Por exemplo. (p.53):

. criança: - Puxa, eu tenho uma professora horrível este ano.

Eu não gosto dela. Ela é uma velha chata.

. pai: - Parece que você está realmente desapontado com sua professora!

. criança: - Estou mesmo.

- aceitação incondicional: significa importar-se ou preocupar-se realmente com o outro, de maneira não possessiva e sem o objetivo de preencher as próprias necessidades. A aceitação deve ser demonstrada pelos pais. Isso pode ocorrer de forma verbal ou não verbal. Não verbalmente, as mensagens são enviadas através de gestos, posturas, expressões faciais. As mensagens verbais de aceitação incondicional são enviadas através do "ouvir ativamente", definido acima.

- relacionamento total efetivo: é o objetivo final do P.E.T. Consiste no desenvolvimento de atitudes pelos pais que permitam aos filhos colocarem seus pontos de vista, dificuldades e dúvidas sem temer pré-julgamentos e punições. Os pais e os filhos irão desenvolver um relacionamento onde haja abertura, intimidade e amor.

Embora Gordon defina os conceitos citados, existe a necessidade de esclarecimento de certas definições que não são dadas pelo autor.

Por exemplo, na p. 107, o autor mostra-nos um quadro, onde diferencia a responsabilidade dos problemas colocada nos pais ou na criança. Gordon não define seus termos: até que pon

to um comportamento pode ser considerado agressivo ou passivo? Qual o critério para se avaliar estes comportamentos? Falta uma definição clara dos comportamentos citados pelo autor ao longo do livro. Isto é fundamental para que se possa saber o que se está considerando na elaboração de um programa de treinamento, além de facilitar a generalidade dos resultados.

Em terceiro lugar, o autor coloca que as mudanças se devem às técnicas desenvolvidas durante o P.E.T. (caps. 3, 12, 15). Entretanto, fica uma dúvida: será que os resultados obtidos com o método são devidos às técnicas utilizadas (ou seja, ao próprio método) ou ao simples fato de que os pais passaram a se relacionar com os filhos, a prestar um pouco mais de atenção neles, a se dedicar mais ao papel de pais?

Não há nenhuma avaliação realizada pelo autor. Os dados obtidos vêm de cartas escritas pelos pais, agradecendo à organização do P.E.T. as mudanças que ocorreram no relacionamento familiar. Deste modo, não há como afirmar uma relação mais direta entre o método e as mudanças, pois faltam dados que permitam tirar conclusões.

O P.E.T. procura atingir a relação entre pais e filhos

no seu aspecto emocional, ou seja, não visa modificar diretamente os comportamentos inadequados de pais e filhos, mas atingir o que o autor define como relacionamento total efetivo, através de uma postura não-diretiva dos pais em relação aos filhos. Assim, de forma indireta, o autor critica as abordagens que privilegiam a mudança do comportamento. Por exemplo, no cap. 2, p. 16 e 17, Gordon coloca que a aceitação incondicional é uma característica estrutural de certos pais, isto é, não é passível de modificação. No entanto, se um dos objetivos do programa é o desenvolvimento de uma atitude de aceitação incondicional, como então atingi-la, se aqueles pais que não a possuem estruturada em sua personalidade não conseguirão desenvolvê-la?

c) Análise segundo categorias

1. OBJETIVO

Podemos dizer que o P.E.T. é mais dirigido à conscientização dos pais em relação às suas dificuldades com os filhos

do que simplesmente às suas queixas (quanto a comportamentos inadequados dos filhos que os pais desejam ver modificados). Po demos concluir este aspecto a partir das colocações feitas por Gordon durante todo o livro, no sentido de fazer com que os pais reflitam sobre a maneira pela qual estão lidando com os filhos, enfatizando a relação pais/filhos, afirmando que são as modificações nos pais que irão modificar os filhos. Assim, o P.E.T. tenta trabalhar com as origens das dificuldades dos pais em seu relacionamento com os filhos. Entretanto, apesar de enfatizar o caráter particular e específico das relações entre pais e filhos, Gordon não deixa tanta liberdade assim, por que parte de alguns pressupostos sobre o que seria adequado, tanto que apresenta técnicas para serem praticadas pelos pais com vistas à adequação de seu comportamento em relação aos filhos (por exemplo, "ouvir ativamente", "mensagens-eu").

2. POPULAÇÃO

a) O programa é dirigido ao casal. Segundo Gordon, não é possível que o P.E.T. seja assumido apenas por um dos cônju-

ges, pois seria ineficaz sem um trabalho conjunto, já que se baseia no relacionamento entre pais e filhos.

b) Não fica claro a que faixa etária o P.E.T. se dirige. Podemos inferir que seu objetivo é fornecer subsídios a pais com filhos adolescentes ou pré-adolescentes, pois apresenta apenas um capítulo (dentre os 16 do livro) dirigido a crianças pequenas.

c) Também não fica claro o nível sócio-econômico das famílias a que se dirige o programa. Podemos inferir que o P.E.T. se dirige a famílias de nível sócio-econômico médio-alto a alto, pois, segundo pesquisas (ver O'Dell, 1974) somente são efetivos programas com conteúdos teóricos extensos em famílias de nível sócio-econômico mais elevado.

3. ESTRATÉGIAS

O P.E.T. é apresentado aos pais sob a forma de um livro-texto, com informações teóricas e procedimentos para serem aplicados. Esta não é a única forma de apresentação do programa, pois nos USA e Canadá o P.E.T. era realizado através de grupos de pais, onde se discutiam as dificuldades e se treina-

vam os procedimentos.

O P.E.T. é um programa. Assim, sua eficácia pode ser somente demonstrada com a aplicação efetiva de seus procedimentos. Entretanto, sob a forma de livro-texto, apresenta descrição de procedimentos que não possuem um embasamento (ao menos evidente) a nível de pesquisas, ou seja, não há demonstração de que a teoria que embasa os procedimentos tenha comprovação empírica e, assim, não há dados que suportem os procedimentos.

O P.E.T. não fornece noções claras sobre desenvolvimento da criança e não apresenta nem ao menos referências bibliográficas sobre o assunto.

2- ANÁLISE DO FAMILIES

a) Descrição do programa

Este programa de treinamento para pais foi proposto por Patterson, em 1971. É apresentado sob a forma de um livro-texto, com os conceitos teóricos e exemplos dos procedimentos. Em cada capítulo, juntamente com o conteúdo apresentado, existem questões de instrução programada, cujo objetivo é fixar o conteúdo lido pelos pais. Ao final do livro, há um apêndice, com modelos de gráficos e tabelas para registro da frequência de comportamentos.

O objetivo principal do programa é fornecer subsídios para os pais lidarem com o comportamento dos filhos, através da aplicação dos conceitos e procedimentos da aprendizagem social.

As instruções para a utilização do programa estão descritas na primeira seção do livro, onde o autor faz um resumo dos assuntos abordados e explica como responder às questões de instrução programada.

O programa é baseado na experiência clínica do autor e de seus colaboradores¹⁰.

Existe, também, ao final do livro, uma lista de material bibliográfico suplementar referente a pontos específicos do conteúdo, que não foram abordados.

Segundo o autor, o programa deverá ser revisado em edições posteriores, pois depende do avanço das pesquisas em aprendizagem social, como, por exemplo, a aplicação dos procedimentos a crianças entre 2 a 3 anos de idade.

O Families enfoca a relação pais/filhos sob os aspectos seguintes¹¹:

I- As pessoas como agentes de mudanças do comportamento:

1. Aprendizagem social: as chaves para a mudança do comportamento.
2. Reforçadores sociais.

10. Esta experiência clínica não implica em uma pesquisa que validasse o programa, embora os procedimentos apresentados tenham sido baseados em pesquisas. Isto quer dizer que cada procedimento foi validado empiricamente, mas não se tem certeza de que seu agrupamento num programa possa apresentar os mesmos resultados.

11. Estes aspectos foram extraídos do índice do programa.

3. Estímulos aversivos: variações sobre um tema de punição.
4. Como fazer: reforçadores precisos.
5. Que tipo de reforçamento?
6. Treinamento acidental.

II- Habilidades para se lidar com comportamentos:

7. Estabelecimento de um programa de modificação de comportamento.
8. Contratos.
9. Time-out.

III- Aplicações a problemas familiares comuns:

10. Trocas.

IV- Aplicações a crianças-problema:

11. A criança agressiva.
12. Definindo e modificando a insubmissão.
13. Mudando outros comportamentos agressivos.

b) Análise global

Em relação ao conteúdo do programa, existem alguns des
taques:

1. O autor enfatiza a consistência do comportamento dos pais ao lidarem com os filhos. Isto é muito importante, primeiro para a utilização das técnicas expostas (que exigem consistência para serem efetivas) e segundo, para o próprio equilíbrio da criança, que aprenderá a discriminar como, quando e de qual forma agir.

2. O direito que os pais têm de fixarem limites para o comportamento dos filhos. Ocorre que, segundo certas linhas de pensamento, as crianças são consideradas "livres" e esta liberdade deve ser respeitada. É claro que o respeito pela criança deve existir. Mas as crianças precisam aprender certas regras para viver em sociedade. Estas regras são primeiramente estabelecidas pelos pais, em casa. Daí a importância dos limites assumidos pelos pais.

3. É colocado, também, o papel dos pais como modelos para os filhos. De certa forma, é devido à inabilidade dos pais de fixarem regras, reforçarem comportamentos e agirem como modelos, que as crianças começam a comportar-se de forma inadequada (EHRLICH, 1981; HERBERT et al, 1973; HETHERINGTON & PARKE, 1979).

4. Importância de sempre ter em mente que as mudanças são gra-

duais. Por isso, é necessário reforçar os comportamentos desejados sempre que ocorram e imediatamente após sua ocorrência. Mesmo as tentativas devem ser reforçadas (aproximações sucessivas). Este ponto é fundamental para esclarecer os pais quanto a seu nível de exigência em relação ao comportamento dos filhos.

5. O autor chama a atenção dos pais para a gradual ampliação das mudanças desejadas. Com isso, aos poucos, os pais conseguem seus objetivos em relação às mudanças que desejam realizar no comportamento dos filhos.

Além desses pontos, é importante citar que Patterson justifica seus argumentos através dos resultados de pesquisas sobre análise do comportamento.

Existe, também, uma clara descrição das técnicas e do conteúdo do treinamento.

Patterson segue a linha da análise experimental do comportamento, numa abordagem de aprendizagem social, utilizando os seguintes conceitos e procedimentos para embasar seu pensa-

mento¹²:

- aprendizagem social
- condicionamento operante
- modelação
- aproximações sucessivas

Entretanto, existem algumas críticas a serem feitas.

Devido à objetividade e clareza, muitas vezes o autor faz afirmações muito gerais, transformando certos aspectos da relação pais/filhos em "receitas" de como se deve agir. Por exemplo, no final do cap. 3, Patterson coloca uma "lição de casa" para os pais, onde estes devem contar o número de vezes em que fazem críticas, discutem, fazem sermões, etc e marcar num papel. Ou, no final do cap. 4, onde o autor coloca outra "lição de casa" para os pais: estes devem contar o número de vezes em que reforçam os filhos. Estes procedimentos correm o risco de se tornarem imprescindíveis aos pais, se tomados ao pé da letra, ou seja, cada vez que tiverem algo a fazer, irão correr às suas anotações para saberem como agir, isto é, os

12. Estes conceitos e procedimentos não serão definidos aqui, pois acreditamos que sejam suficientemente conhecidos devidos ao fato de comporem o corpo teórico da Análise Experimental do Comportamento.

procedimentos tornam-se receitas.

O autor centra seu trabalho na modificação do comportamento dos filhos realizada pelos pais. Pouca referência é feita à mudança nos pais, o que é curioso, pois além da aprendizagem social basear-se no fato de que as mudanças são provocadas em dois sentidos (o indivíduo muda o outro, mas também é modificado por ele), é também sabido que, muitas vezes, senão na maioria, os problemas de comportamento da criança são devidos a problemas com os pais. Então, é necessário, como Patterson coloca, que os pais aprendam técnicas de modificação de comportamento, etc, mas parece também necessário que utilizem estas técnicas para modificarem os próprios comportamentos. Muitas vezes, uma criança agressiva está apenas exteriorizando a agressividade que existe na família. Ela deverá ser modificada, ou toda a família?

Além disso, o trabalho é muito remediativo: tratar o problema quando aparece. Mas quais são as formas de se evitar estes problemas e como fazer para que eles não ocorram no futuro?

É importante também frisar que os procedimentos apre-

sentados, quando não são bem compreendidos, podem levar a uma rigidez de comportamento que, às vezes, será pior que o próprio comportamento inadequado. Por exemplo, no cap. 10, pp.99, 100 e 101, Patterson coloca formas de contratos entre pais e filhos, onde são especificados os pontos a serem seguidos por ambos. Onde vai ficar a espontaneidade no relacionamento entre pais e filhos, quando existe entre eles um contrato? Nada pode acontecer além dos limites do contrato, ou pelo menos, isto pode ser interpretado por pais menos esclarecidos. É necessário que se discutam amplamente, entre os membros da família, as formas de agir, para que todos participem e assumam a responsabilidade pelas mudanças propostas e pelas consequências resultantes.

c) Análise segundo categorias

1. OBJETIVO

O objetivo do Families é a modificação dos comportamentos dos filhos, realizada pelos pais. Assim, podemos inferir que os pais é que irão decidir quais os comportamentos dos fi-

lhos deverão ser modificados ou não, ou seja, o programa prioriza a opinião dos pais e considera válidas suas queixas em relação ao comportamento dos filhos.

2. POPULAÇÃO

a) O programa é dirigido ao casal, pois baseia-se na necessidade de haver consistência na aplicação das contingências ao comportamento dos filhos, o que só é possível com a participação efetiva do casal.

b) O programa é dirigido a uma faixa etária específica: Patterson, na sua Introdução, adverte que o programa depende ainda do desenvolvimento de pesquisas que permitam aplicá-lo a crianças entre 2 a 3 anos de idade. Ou seja, o Families deve ser utilizado com crianças a partir da idade pré-escolar, no mínimo.

c) Não fica claro qual o nível sócio-econômico das famílias que o autor pretende atingir com seu programa. Por possuir uma linguagem acessível, além de exercícios de instrução programada, podemos supor que não é necessário alto nível cultural para entender o Families. Ou seja, provavelmente famílias

de nível médio poderiam valer-se deste programa.

3. ESTRATÉGIAS

O Families é um programa. É apresentado sob a forma de um livro-texto, com algum conteúdo teórico (o mínimo necessário) e vários procedimentos a serem aplicados pelos pais. Os pais são testados durante o texto, com questões simples de instrução programada.

O programa não oferece informações sobre desenvolvimento. No entanto, fornece uma bibliografia complementar, onde se pode encontrar algum material, pelo menos na linha teórica do autor (ver p. 133 - "References").

3- ANÁLISE DE CHANGING CHILDREN'S BEHAVIOR

a) Descrição do manual

Este manual foi proposto por Krumboltz & Krumboltz, em 1972 (edição americana). É dirigido, segundo os autores, a qual quer pessoa que sinta responsabilidade pelo comportamento de uma criança ou grupo de crianças, incluindo aqui tanto pais, quanto professores, psicólogos, conselheiros e administradores escolares, psiquiatras, médicos, ministros religiosos, monitores, assistentes sociais, avós, babás, etc.

O manual é escrito tomando como abordagem a análise experimental do comportamento. Assim, todos os princípios básicos desta linha teórica são descritos e ilustrados com exemplos práticos de situações vividas por pais ou professores ao lidarem com crianças.

Cada capítulo apresenta uma introdução teórica ao tema, que é colocado em negrito, como um princípio básico. A seguir são citados alguns exemplos de situações. E, por fim, estas situações são estudadas, uma a uma, a partir da subdivisão do princípio básico em subtemas. Existem, em cada capítulo, al

gumas ilustrações cômicas que exemplificam o tema geral.

Os princípios estudados no manual são baseados, segundo os autores, em resultados de pesquisas em Psicologia. Existe uma bibliografia, ao final do volume, para estudo mais detalhado destas pesquisas.

Os temas enfocados por este manual são os seguintes¹²:

- Problemas de comportamento.
- Mudança do comportamento da criança: o que significa para você?
 - I- Fortalecimento de comportamentos existentes.
 - 1. O bom comportamento deve ser recompensado.
 - II- Desenvolvimento de novos comportamentos
 - 2. Melhoras graduais tornam-se novos comportamentos.
 - 3. O bom exemplo.
 - 4. Sinais para os comportamentos apropriados.
 - 5. Um tempo e lugar para cada coisa.
 - III- Mantendo os novos comportamentos
 - 6. Novas e melhoras recompensas.
 - 7. Temporalizando as recompensas para desenvolver a persistência.

12. Estes temas foram extraídos do índice do manual.

IV- Interrompendo comportamentos inadequados

8. Deixando o comportamento seguir seu curso.
9. Eliminação de recompensas.
10. Recompensando comportamentos alternativos.
11. Encerrar uma situação aversiva quando o comportamento melhora.

V- Modificando respostas emocionais

12. Aprendendo a evitar os perigos.
13. Superação de medos e ansiedades.

VI- Modificando o seu comportamento

14. Sumário, perguntas e respostas.

b) Análise global

Em relação ao conteúdo exposto, não há dúvidas de que se trata de um trabalho abrangente, enfocando todas as áreas da teoria da Análise Experimental do Comportamento e sua aplicação prática (por exemplo, reforçamento, modelação, aproximações sucessivas).

Trata-se de um livro extenso (256 páginas) e de linguagem um tanto complexa. Por tentarem ser tão abrangentes, os au

tores transformaram seu manual em um material denso, de linguagem pouco acessível à média da população. Estas dificuldades são sanadas em parte pela profusão de exemplos colocados em cada capítulo, mas a impressão geral é de um livro "pesado" e complexo, principalmente pela linguagem, que nos parece mais acessível a um público que possua conhecimentos em Psicologia, não a leigos no assunto. Em se tratando de um trabalho para pais, espera-se que a linguagem possa atingir pessoas sem conhecimentos específicos, que irão aprender à medida que lerem um manual ou programa.

Na verdade, antes de ser um manual de treinamento para pais, o livro torna-se um compêndio de análise experimental do comportamento adaptado à modificação de comportamento da criança.

Uma parte para nós importante do manual está no capítulo 14 (Sumário, Perguntas e Respostas), onde os autores têm oportunidade de expressarem-se de modo mais pessoal, expondo mais claramente seus pontos de vista em relação à modificação de comportamento, principalmente no que diz respeito a questões éticas (p. 244 e ss.).

Os autores criticam outras linhas de pensamento, que não a análise experimental do comportamento, por especularem "sobre entidades não observáveis e hipotéticas como ego, id, força de hábito e auto-atualização, pois falar nestes termos é frequentemente um substituto para a ação apropriada" (p.xviii).

Assim, os autores fundamentam seu trabalho em conceitos e procedimentos que formam o corpo teórico da análise experimental do comportamento, como reforçamento, aproximações sucessivas, modelação e punição. Seus pontos de vista são baseados em pesquisas (citadas na bibliografia).

Concluindo, este trabalho é um compêndio sobre análise experimental do comportamento, muito bom, por sinal, mas foge ao objetivo proposto pelos autores, ou seja, realizar um manual de treinamento para pais.

c) Análise segundo categorias

1. OBJETIVO

O trabalho não procura levar os pais a refletirem sobre suas dificuldades em relação aos filhos, mas simplesmente

modificar o que está inadequado nestes. Assim, dirige-se mais às queixas dos pais em relação aos filhos, sem considerar a possibilidade de que sejam os próprios pais que provocam a inadequação do comportamento dos filhos. Isto é deixado logo claro na Introdução, onde os autores colocam que "se você está descontente com o comportamento de seus filhos ou com os progressos em sua aprendizagem, você encontrará neste livro princípios e exemplos para modificar os comportamentos insatisfatórios" (p. xv). O manual não procura buscar as origens dos comportamentos inadequados (por exemplo, na relação pais/filhos). Inclusive, os autores colocam que "... as explicações elaboradas das 'causas' podem servir como justificativas do comportamento e desculpas para não se efetuar qualquer tentativa de mudança. A idéia de que o 'insight' é necessário para a mudança é uma noção freudiana, que confundiu os psicólogos e psiquiatras por muitos anos. Alguns tipos de 'insights' podem ser úteis, mas não são essenciais para as mudanças" (p.240-241).

2. POPULAÇÃO

a) Este manual não se dirige especificamente aos pais. Dirige-se a todos aqueles que trabalham ou convivem diretamente com crianças, incluindo professores, assistentes sociais, psicólogos, orientadores educacionais, babás, etc. Assim, não está priorizando a relação familiar, mas as relações sociais da criança.

b) O manual refere-se ao trabalho com crianças e adolescentes em geral, sem especificação de faixa etária. Deste modo, é bastante abrangente e sua utilização pode ser mantida ao longo do desenvolvimento da criança.

c) Não há referências ao nível sócio-econômico da população a que se dirige. Como não é específico apenas para pais e como sua linguagem é bastante complexa, acreditamos que se dirige a pessoas com um nível cultural mais elevado (universitário), que possuam pelo menos noções básicas sobre Psicologia.

3. ESTRATÉGIAS

O trabalho é apresentado sob a forma de um manual. Embora apresente uma predominância de material teórico, existem

possibilidades de aplicação a partir dos exemplos citados, embora, em nosso ponto de vista, isto deveria ser feito sob o orientação de um profissional, pois o texto é bastante complexo e pode levar a confusões na sua compreensão.

Não são fornecidas informações sobre desenvolvimento, nem a nível de bibliografia complementar. A bibliografia apresentada ao final do texto é específica para o aprofundamento de questões sobre a análise experimental do comportamento.

4- ANÁLISE DE COMO CRIAR NOSSOS FILHOS

a) Descrição do manual

Este manual foi proposto por Dodson em 1970 (edição americana), sendo traduzido para o português em 1975.

O manual é dirigido às mães em geral, sendo que o autor define o "atuar como mães" da seguinte forma: "Utilizar com terno e amoroso cuidado todas as informações que a ciência vem acumulando nos campos da pediatria e da psicologia infantil a fim de criar seres humanos sadios, felizes e inteligentes" (p. 19).

Dodson acredita que ao tornar-se mãe a mulher transforma-se em psicóloga infantil, mas não é treinada para sê-lo. Assim, o autor propõe-se a fornecer o treinamento necessário às mães, para que possam tornar-se psicólogas infantis eficientes.

A estratégia do autor consiste em fornecer os princípios básicos do desenvolvimento da criança e as maneiras de lidar com ela através de uma linguagem informal, como se fosse uma conversa. Ao longo do livro, Dodson refere-se às suas próprias experiências como pai, exemplificando seus pontos de vis

ta a respeito da criação de filhos.

Dodson alerta as mães para o fato de ser este livro um guia geral, que não deverá ser usado como um receituário.

O autor também enfatiza a situação de culpa que os pais sentem ao cometerem erros e afirma que é perfeitamente natural que se cometam erros e que os pais devem comenetrar-se do fato de estarem fazendo o melhor possível, sem sentirem culpa.

O manual vai referir-se aos 5 primeiros anos da vida da criança, considerados por Dodson como os mais importantes para o seu desenvolvimento.

O manual é ilustrado com desenhos cômicos, que exprimem certas situações do dia-a-dia das mães.

O manual aborda os seguintes aspectos do desenvolvimento infantil (extraídos do índice):

1. Mães e seus sentimentos.
2. Primeira Infância.
3. A fase do "dandinar".
4. Primeira adolescência (1ª parte).
5. Primeira adolescência (2ª parte).
6. Idade pré-escolar (1ª parte).

7. Idade pré-escolar (2ª parte).
8. Você é capaz de ensinar datilografia a um golfinho?
9. Disciplina através da auto-regulação.
10. Seu filho e a violência.
11. A escola começa em casa (1ª parte).
12. A escola começa em casa (2ª parte).
13. Como escolher brinquedos, livros e discos para seu filho.
14. Recomendações aos pais.

b) Análise global

O trabalho de Dodson apresenta alguns pontos muito importantes a serem considerados.

Primeiramente, no capítulo 2, intitulado "Primeira Infância", Dodson fornece uma descrição das principais modificações que ocorrem com o bebê, do nascimento até os doze meses, numa linguagem acessível e direta. Nesta descrição, o autor expõe as mudanças a nível sensorial, afetivo e cognitivo, de forma bem sucinta. Esta descrição é importante como um fundamento de como são os bebês e como eles reagem, principalmente para aquelas mães que têm seu primeiro filho. Além disso, o autor cita pelo

menos uma fonte onde as mães possam buscar informações complementares. Nas páginas 59 e seguintes, Dodson cita o que chama de "proibições", ou seja, o que não se deve fazer com o bebê: "1. não ignorarás o choro de um bebê; 2. não tentarás inculcar hábitos de higiene a teu filho (no 1º ano de vida); 3. não te preocuparás com a idéia de estar "mimando" a criança; 4. não permitirás que o pai ignore o bebê". Estas proibições dizem respeito exclusivamente ao 1º ano de vida da criança e baseiam-se no ponto de vista de que as crianças são únicas e que os conceitos podem variar de pessoa para pessoa (por exemplo, o conceito de "mimar"),

Em seguida, Dodson passa para o capítulo 3, onde descreve a criança na fase de exploração do ambiente. Neste capítulo, o autor tenta explicar às mães que o fato da criança procurar examinar (e provavelmente destruir) tudo o que encontra é uma coisa normal e que as proibições frequentes acabam por destruir a curiosidade da criança. Assim, as mães devem tornar a casa à prova de crianças, ou seja, olhar para as coisas da perspectiva da criança e retirar tudo o que a possa ferir ou que ela possa quebrar. Entretanto, Dodson faz uma ressalva, dizendo

que as mães devem evitar a "superproteção", ou seja, proteger a criança quando não existem riscos verdadeiros. Além disso, o autor afirma que os brinquedos são fundamentais para a criança conhecer o mundo e ele sugere a aquisição de alguns ou mesmo fornecer vasilhas, panelas, caixas de papelão, etc. Isto parece mais viável do que a sugestão do autor para que os pais adquiram balanços, gaiolas gímnicas ("trepa-trepa"), se pensarmos que a maioria das crianças das grandes cidades vivem em apartamentos, que não comportam estes brinquedos.

Também é importante a distinção feita pelo autor entre sentimentos e atos (caps. 4 e 10). O autor fala em sentimentos ao referir-se às emoções internas da criança (raiva , satisfação, medo, timidez) e em atos ao referir-se ao comportamento externo da criança. Assim, Dodson previne os pais de que podem controlar os "atos", mas não os "sentimentos", o que é muito importante, pois tentar-se evitar que a criança sinta é torná-la passiva ou culpada, pois às vezes, não pode evitar os sentimentos que surgem espontaneamente e se foi treinada a bloqueá-los, entra em conflito. O que se pode impedir é que a criança aja. Por exemplo, se está com raiva e quer ba

ter no irmão, pode extravasar esta raiva por outras vias, sem agredir ninguém, mas o fundamental é que seu sentimento está sendo respeitado.

Outro ponto importante enfocado por Dodson (cap.7) é o fato de se estabelecerem modelos adequados para a criança, principalmente em relação à identificação sexual. O autor coloca de forma clara a importância de os pais terem um relacionamento percebido como estável pelas crianças, para que estas possam superar a agressividade e possessividade em relação aos pais e perceberem que o pai é o marido da mãe e vice-versa, que ambos gostam dos filhos, mas que os filhos são filhos, não são objetos para satisfazer as dificuldades do relacionamento de um casal. Curiosamente, no entanto, esta posição extremamente adequada de Dodson contraria o fato de ele dedicar seu manual para as mães. Ora, um relacionamento estável se dá com um casal, não apenas com a mãe. O autor deixa de considerar a presença do pai, tão relevante na estrutura familiar quanto a mãe.

Dodson enfatiza também o adequado treinamento esfincteriano, no sentido de se exigir da criança o que ela tem conter

dições de oferecer no momento. Isso significa que se deve esperar que a criança adquira primeiramente uma capacidade neuromuscular para este controle de esfíncteres, sem o que qualquer treino será infrutífero. Em linhas gerais, o treinamento fornecido pelo autor é adequado por levar em conta principalmente as necessidades da criança e procurar evitar a ansiedade das mães em relação a este treinamento. Este aspecto é tratado durante o cap. 5.

No cap. 9 existem alguns pontos relevantes levantados pelo autor a respeito das formas de se disciplinar a criança. Aqui Dodson fala da importância de se conhecer bem as consequências que irão controlar o comportamento da criança e coloca alguns princípios que os pais devem ter em mente ao lidar com elas (p. 212 e ss.):

1. as consequências artificiais (arbitrárias) devem ser razoavelmente consistentes;
2. as consequências artificiais devem ser imediatas;
3. se você privar a criança de algo para ela importante, essa privação deverá perdurar durante um lapso de tempo razoável;
4. nunca prive uma criança de algo que ela considere vital ,

- (por exemplo, uma festa de aniversário), para castigá-la;
5. as consequências artificiais desagradáveis devem se relacionar tanto quanto possível com o mau comportamento;
 6. forneça à criança um modelo positivo para aquilo que ela deve fazer;
 7. enfrente de maneira sensata as situações perigosas.

Mas o que parece mais importante neste ponto de vista do autor é que sempre a criança deverá perceber, ou melhor, os pais deverão deixar claros, o respeito e afeto pelas crianças, para que a disciplina não se transforme num processo humilhante e culposos para elas.

Não fica claramente explicitada neste trabalho a orientação teórica do autor. Em certas partes do trabalho, Dodson refere-se a preceitos da análise experimental do comportamento; em outras, refere-se à psicanálise. A idéia que fica ao leitor é que o autor faz uma síntese dos pontos que considera mais relevantes e aproveitáveis em algumas escolas metodológicas e realiza uma conclusão pessoal sobre o assunto.

Dodson apresenta conceitos em Psicologia do Desenvolvimento de forma simples, numa linguagem direta. Apesar de citar

alguns autores (Gesell, principalmente), parece que suas conclusões são bastante pessoais, pouco fundamentadas em dados derivados de pesquisas.

De forma geral, este manual tem as vantagens de: ser escrito numa linguagem bastante acessível; fornecer vários exemplos e enfatizar a individualidade das crianças, o que já elimina a sua utilização como receituário.

c) Análise segundo categorias

1. OBJETIVO

Este manual tem como objetivo conscientizar as mães para as prováveis dificuldades que irão encontrar no relacionamento com os filhos. Ressalta a individualidade das crianças e, sendo assim, não se dirige apenas às queixas dos pais; ao contrário, procura fazê-los analisar sua relação com a criança baseando-se nesta individualidade.

O manual visa orientar as mães sobre o desenvolvimento da criança e tudo o que possa ocorrer durante este desenvolvimento. Não procura ensinar procedimentos para modificar compor

tamentos, mas antes alertar sobre as prováveis origens das dificuldades.

2. POPULAÇÃO

a) O manual é dirigido às mães, sendo que o autor não justifica porque não o dirigiu ao casal. Curiosamente, em certas partes do texto, enfatiza a relação entre o casal como um alicerce para o adequado desenvolvimento da personalidade da criança. Mas parte sempre da mãe como promotora de todas as decisões em relação à criança, mesmo que seja para incluir o pai nestas decisões.

b) O manual refere-se ao trabalho com crianças numa faixa etária específica: de 0 a 5 anos, pois o autor acredita que é nesta fase em que acontecem as maiores modificações na criança e onde irá estruturar-se sua personalidade.

c) Não há referências ao nível sócio-econômico das famílias às quais o manual se dirige. No entanto, por ser escrito numa linguagem bastante simples e direta, coloquial, podemos inferir que não é necessário possuir um nível elevado culturalmente para entendê-lo.

3. ESTRATÉGIAS

O trabalho é apresentado sob a forma de um manual. Existem possibilidades de aplicação, pois o autor fornece diversos exemplos de situações do dia-a-dia que os pais enfrentam ao lidar com os filhos. Entretanto, sua tônica está nos aspectos teóricos: é um texto sobre desenvolvimento infantil (daí não haver necessidades de referências bibliográficas sobre o assunto). É a partir destas noções sobre desenvolvimento que o autor vai delinear o que pode ou não ser feito com as crianças e como elas irão reagir.

5- ANÁLISE DE OS PAIS SÃO TAMBÉM PROFESSORES

a) Descrição do programa

Este programa foi criado por Becker, em 1971 (edição americana) e traduzido para o português em 1974.

É um programa dirigido aos pais, com o objetivo de ensiná-los a serem professores mais eficientes dos filhos, através do emprego dos conhecimentos da análise experimental do comportamento.

O programa apresenta, numa linguagem extremamente clara e acessível, os princípios da análise experimental do comportamento, fornece exemplos de procedimentos e inclui, ao final de cada capítulo, exercícios de instrução programada, para uma revisão do que foi lido pelos pais. Existe também um sumário em cada capítulo, contendo os pontos mais relevantes do tema abordado. Os termos teóricos ou mesmo palavras consideradas mais difíceis, são esclarecidas em notas de rodapé. O autor coloca em negrito os pontos mais relevantes a serem lembrados pelos pais. Existem também referências às fontes de pesquisa, onde o autor se embasa.

Becker coloca que o programa também pode ser aplicado a grupos de pais, sob supervisão de um profissional (psicólogo):

Os temas abordados neste programa são os seguintes (extraídos de seu índice):

- I- Conseqüências: reforços e punições.
- II- Tipos de reforçadores e punidores.
- III- Quando reforçar.
- IV- Como usar reforçadores mais fortes.
- V- Porque os pais e professores falham: a armadilha da crítica.
- VI- Como reforçar.
- VII- Punição: quando e como usar e por que não fazê-lo comumente.
- VIII- Razões, regras e lembretes.
- IX- A personalidade de seu filho e você.

b) Análise global

Uma característica marcante deste programa é sua concisão: o autor apresenta de maneira direta e objetiva os con-

ceitos da análise experimental do comportamento e suas aplicações, sem perder-se em explicações confusas. Parte, basicamente, de aspectos práticos, por exemplo, regras para reforçamento a partir de exemplos concretos ou exercícios dirigidos.

Entretanto, há uma restrição a essa concisão: o programa pode tornar-se facilmente um livro de "receitas", pois a forma de apresentação destes procedimentos leva os pais a fazerem generalizações, sem considerar cada criança como um indivíduo. Por exemplo, na unidade IV, "Como reforçar" (p.85), existe uma listagem de reforçadores sociais (palavras e elogios, expressões, proximidade e contato físico), que podem tornar artificial a relação entre pais e filhos. Na mesma unidade (p. 88), existe uma lista de atividades que as crianças preferem como recompensas: é difícil prever se os itens da lista irão realmente servir como reforçadores para uma criança específica. Embora o autor coloque que é necessário estudar os possíveis reforçadores, seria preciso haver uma ênfase maior no fato de que estas listas são sugestões, não os únicos reforçadores.

Parece que, ao estabelecer este programa, o autor baseou-se no geral, esquecendo-se das particularidades, o que fere,

essencialmente a proposta da análise funcional da análise expe
rimental do comportamento. Obviamente, ao se criar um programa
para pais, é fundamental procurar aspectos mais gerais, pois é
impossível particularizar, a menos que o trabalho se torne clí
nico. Entretanto, não é supérfluo alertar para as possíveis
particularidades, que certamente existem e às quais o autor não
se refere.

Enfim, a aplicação pura e simples destes procedimentos
talvez levem a alguns resultados, mas a relação entre pais e fi
lhos irá perder muito da espontaneidade e criatividade. Este pa
rece ser o maior perigo na utilização deste programa como "re-
ceituário". Afinal, como ser espontâneo quando existe entre os
pais e os filhos uma folha de registro para anotação de todos
os comportamentos inadequados ocorridos numa dada hora do dia
e como foram elogiados ou criticados (por exemplo, p. 83)? Pais
menos esclarecidos podem seguir rigidamente este procedimento e
a qualidade de sua relação com os filhos seguramente irá decair
(por exemplo, exercício II da unidade VII, p. 125).

c) Análise segundo categorias

1. OBJETIVO

O programa visa ensinar aos pais procedimentos para mo dificação do comportamento dos filhos. Eventualmente, insiste com os pais para buscarem identificar as causas que originam as dificuldades dos pais com os filhos, mas a ênfase maior é dada sobre os procedimentos para modificar os comportamentos inadequados dos filhos. Aliás, o próprio nome do programa já indica: os pais são também professores, isto é, eles sabem o que deve ser feito. Os filhos devem aprender o que os pais estão ensinan do, como numa escola. Para isso, existem inclusive folhas para registro dos comportamentos, como se fosse um boletim com as no tas de disciplina e aproveitamento.

2. POPULAÇÃO

a) O programa é dirigido ao casal e a professores que precisam lidar com comportamentos inadequados das crianças.

b) Não há faixas etárias definidas. O programa apresenta inclusive, exemplos de procedimentos realizados com crianças

pequenas. Por exemplo, modificação do comportamento agressivo de uma criança de 4 anos (p. 14).

c) Não há referências ao nível sócio-econômico da população a quem o programa se dirige. No entanto, pelo fato de ser muito claro em seus procedimentos e possuir um conteúdo teórico bastante acessível, podemos inferir que se destina a famílias de nível médio.

3. ESTRATÉGIAS

O trabalho é apresentado sob a forma de um programa. Possui um conteúdo teórico mínimo, voltado para o esclarecimento dos procedimentos (e suas aplicações), que serão ensinados aos pais. Entretanto, este conteúdo teórico é muito claro, aliado a vários exercícios de instrução programada (bastante fáceis) e, inclusive um glossário de termos técnicos utilizados pelo autor a cada capítulo.

O programa não fornece informações sobre desenvolvimento, nem a nível de bibliografia. A bibliografia fornecida em algumas unidades é específica para embasar os procedimentos explicitados pelo autor.

6- ANÁLISE DO YOU AND YOUR CHILD

a) Descrição do programa

Este programa de treinamento para pais foi proposto por Wagonseller e McDowell em 1979, nos USA. Não possui tradução para o português.

Os autores dirigem-se a pais ou futuros pais, com o objetivo de fornecer-lhes informações e treinamento em algumas das habilidades básicas para um relacionamento efetivo com os filhos.

O livro apresenta, em cada capítulo, os fundamentos teóricos, técnicas e exercícios de instrução programada. No final do programa, além da bibliografia utilizada pelos autores, existe uma listagem de material suplementar à disposição dos pais que desejarem maior aprofundamento sobre o assunto.

Segundo os autores, o objetivo principal do programa é demonstrar a importância da família funcionar como um "time", um grupo coeso, onde cada elemento fornece apoio aos outros.

Os autores colocam que o programa foi baseado (p.2- Introdução):

1. em trabalhos com pais, individualmente e com grupos de pais;
2. em experiências pessoais dos autores como pais;
3. na educação formal dos autores (universidade, pós-graduação).

A intenção do programa não é auxiliar os pais apenas quando surgem problemas, mas também ajudá-los a compreender o comportamento das crianças e desenvolver um planejamento para lidar com comportamentos inadequados e encorajar comportamentos adequados.

Os temas abordados pelo programa são os seguintes (extraídos de seu índice):

1. Ser pai.
2. Comunicação com a criança.
3. Tornar-se um participante ativo.
4. Saber o que esperar.
5. Estabelecimento de controle do comportamento.
6. Mudança do comportamento da criança.
7. Revisão.

b) Análise global

Um ponto importante e positivo a respeito do trabalho de

Wagonseller e McDowell é a estruturação do livro: é um texto con-
ciso, escrito numa linguagem acessível, e os capítulos são estru-
turados em pequenos sub-ítems, que não cansam o leitor. Além dis-
so, as questões de instrução programada ao final de cada capítu-
lo fazem uma revisão adequada do assunto tratado.

O primeiro aspecto relevante abordado pelos autores diz respeito ao fato de os pais deverem agir de forma coesa, compar-
tilhando a educação dos filhos, dividindo a responsabilidade . Isto pode parecer evidente e óbvio, mas, na verdade, na maio-
ria das vezes, um dos cônjuges acaba por assumir a total respon-
sabilidade pelos filhos, com esporádicas "intromissões" do ou-
tro. Segundo os autores, a melhor forma de se chegar a um con-
senso no relacionamento do casal é a utilização de discussões a
bertas, baseadas no respeito mútuo.

Os autores também enfatizam o respeito que se deve ter pelas crianças, na sua individualidade, para que elas tenham chances de demonstrar suas habilidades. Além disso, é importan-
te que as crianças aprendam a respeitar os outros. Isto só se-
rá possível se as crianças perceberem a existência de um respei-
to dentro de casa, pois o comportamento da criança, em grande

parte, será modelado segundo o que ela observa do comportamento dos pais.

Outro ponto importante enfocado pelos autores é a necessidade da criança perceber uma consistência no comportamento dos pais, para desenvolver seu próprio comportamento e nas consequências que advêm de seu comportamento.

Os autores fornecem uma listagem de princípios que embasam o desenvolvimento de regras (p. 20: acordo entre as partes, envolvimento da criança, número de regras, critérios, consequências, consistência do reforçamento). Estes princípios, para serem efetivos, devem ser desenvolvidos de modo a haver justiça tanto para os pais, quanto para as crianças.

No segundo capítulo, os autores irão desenvolver estratégias para uma boa comunicação entre pais e filhos. Estas estratégias são baseadas num modelo rogeriano, sendo que há citações de Gordon para maiores esclarecimentos (ver análise do P.E.T., neste trabalho). A vantagem deste capítulo está no fato de serem dados vários exemplos e de haver um "guia para a boa comunicação" (p. 49), um sumário de 16 itens que sintetiza todos os aspectos a serem considerados quando da comunicação

entre pais e filhos.

Outra noção importante desenvolvida pelos autores é a assertividade, definida como "comunicação de opiniões e direitos sem violar ou interferir com os direitos dos outros" (p. 59). Eles colocam a assertividade como fundamental para a participação dos pais na vida dos filhos. Além disso, também enfatizam o ensino de habilidades sociais, segundo os princípios da aprendizagem social.

O que mais chama a atenção é o fato de os conceitos serem descritos de forma clara e objetiva, seguidos de exemplos. Entretanto, os autores saltam de uma abordagem teórica para a outra, às vezes dentro de um mesmo capítulo, sem deixar clara a sua posição: em determinadas circunstâncias, seguem uma abordagem rogeriana; em outras, apelam para a análise do comportamento, utilizando inclusive técnicas de reforçamento por fichas trocáveis por dinheiro. Talvez seja o fato de o programa abordar o trabalho com pais através do "senso comum", como diz o subtítulo do livro, o que justifica esta "mistura" entre linhas teóricas: aproveitar o que cada linha apresenta de positivo e integrá-las de forma acessível aos pais.

c) Análise segundo categorias

1. OBJETIVO

O programa tem como objetivo fazer com que os pais reflitam sobre seu papel, inclusive sobre suas dificuldades pessoais em relação à educação dos filhos. Visa, inclusive, atingir futuros pais, no sentido de prepará-los para assumir esta nova (ou provável) faceta de suas vidas. Os autores pretendem que os pais investiguem as prováveis origens das dificuldades que eles possam encontrar em seu relacionamento com os filhos.

2. POPULAÇÃO

a) O programa é dirigido ao casal, com o propósito de que, através da coerência e do diálogo aberto entre os cônjuges consiga-se que a família se transforme num núcleo coeso e integrado.

b) O programa é dirigido a qualquer faixa etária, pois sua ênfase está na identificação das origens das dificuldades entre pais e filhos, não em modificação de comportamentos.

c) Não apresenta referências a nível sócio-econômico.

Embora a linguagem seja acessível e o conteúdo claro, acreditamos que, por envolver muitas reflexões, exija um grau de esclarecimento maior por parte dos pais, além de uma certa maturidade (suposta como condição básica para a reflexão e o diálogo).

3. ESTRATÉGIAS

O trabalho é apresentado sob a forma de um programa , com conteúdo teórico e formas de aplicação deste conteúdo, através de reflexões, discussões em família, diálogos entre os cônjuges e procedimentos de modificação de comportamento. (tanto dos pais, quanto dos filhos).

O programa não fornece informações sobre desenvolvimento da criança, mas apresenta, ao final do texto, uma vasta bibliografia que os pais podem consultar para aprofundar seus conhecimentos.

V- DISCUSSÃO

Embora nossa amostra seja reduzida (4 programas e 2 manuais), acreditamos que seja representativa do que tem sido realizado em treinamento para pais. Isto porque as principais orientações teóricas estão representadas nesta análise (pelo menos aquelas que se propõem a trabalhar em treinamento para pais).

O primeiro ponto a ser discutido diz respeito aos resultados obtidos com as categorias.

Parece que os programas que seguem a análise experimental do comportamento apresentam uma tendência a lidar apenas com as queixas dos pais, em lugar de atentar para os fatores que possam estar realmente originando estas queixas. Além disso, a ênfase é dada à modificação dos comportamentos inadequados dos filhos, sem uma reflexão sobre o papel dos pais nesta i

nadequação de comportamentos.

Aqui podemos retomar alguns pontos comentados na Introdução neste trabalho. Em primeiro lugar, quando acatamos as queixas dos pais e procuramos modificar os filhos, estamos concordando e legitimando o pátrio poder. Assim, acreditamos que os pais estão com a razão e que os filhos são mesmo inadequados e devem ser controlados a qualquer custo.

Entretanto, o poder dos pais é algo muito discutível, pois não temos condições de precisar seus limites com certeza. Desta forma, estamos diante de um dilema: ou acatamos o pedido dos pais ou procuramos fazer com que eles reflitam sobre este pedido. Ao acatarmos o pedido dos pais e fornecermos a eles instrumentos para modificar o comportamento dos filhos, correremos sérios riscos. O maior deles advém do fato de que os procedimentos para manipulação de comportamentos podem ser muito potentes, no sentido de transformar a criança naquilo que os pais desejam, na maioria das vezes limitando sua potencialidade, sua criatividade e sua curiosidade natural. Claro, não estamos pregando uma filosofia de "laissez-faire", como aquela preconizada nos anos '60, com propostas do tipo de "Summerhill".

A criança precisa de uma certa estruturação, sem a qual não poderá desenvolver-se adequadamente. Mas seria necessário que esta estruturação se referisse ao ambiente social da criança, e não às suas relações afetivas. Por exemplo, é necessário que a criança tenha horários para alimentar-se, dormir e acordar, estudar e brincar. Isto é estruturar o ambiente social. Ao passo que restringi-la em relação aos livros que deve ler, aos amigos que deve escolher, aos brinquedos que deve possuir, aos assuntos que deve questionar, parece-nos uma forma de tolher a individualidade e espontaneidade da criança, pois estamos lidando com suas relações afetivas aos objetos e pessoas de seu meio ambiente.

Desta forma, os pais precisam ser alertados quanto aos comportamentos dos filhos que desejam modificar. Ainda assim, é difícil estabelecer-se critérios para se dizer o que é certo ou errado, principalmente para o psicólogo que orienta os pais. O mais adequado é questionar juntamente com os pais, de forma exaustiva, as consequências e os limites do que pode ou deve ser modificado e atentar para o fato de que também os pais serão modificados à medida em que mudam os filhos.

Assim, sob este aspecto, os programas que não seguem a análise experimental do comportamento estão em vantagem, pois preocupam-se fundamentalmente em levar os pais a refletirem sobre seu papel e suas dificuldades, além de avaliarem suas responsabilidades de forma mais abrangente.

Entretanto, os programas baseados na análise experimental do comportamento têm várias vantagens. A primeira delas é o fato de procurarem esclarecer os pais numa linguagem clara e objetiva. É muito mais realista falar-se que o comportamento dos pais serve como modelo para os filhos, do que procurar o estabelecimento de um "relacionamento total efetivo". Além disso, estes programas apresentam sempre seus conceitos e procedimentos fundados em pesquisas científicas, o que os torna mais confiáveis. Estes programas também enfatizam a importância do meio social na vida da criança, o que amplia a sua atuação e permite que os pais, como representantes deste meio, possam ensinar aos filhos as regras para se viver em sociedade.

Vimos que a sociedade irá definir a forma pela qual seus membros irão agir e que a estrutura familiar é extremamente dependente de fatores sociais, políticos e econômicos. As -

sim, é importante que um programa de treinamento para pais atente para o meio onde vive esta família e para as influências que recebe. E este aspecto é enfatizado pelos programas que seguem a análise experimental do comportamento.

Os programas que não seguem a análise experimental do comportamento, entretanto, têm a vantagem de enfatizar a relação entre pais e filhos. Esta ênfase permite que se considere a particularidade de cada relação, além de procurar torná-la mais natural, pois os programas que seguem a análise experimental do comportamento parecem esquecer-se desta naturalidade, por exemplo, quando colocam entre pais e filhos uma folha de registro de comportamento ou um contrato que deve ser cumprido à risca.

Ainda em relação às categorias, é importante discutir sobre a presença ou não de informações sobre desenvolvimento da criança e a faixa etária abrangida pelos programas. Em nosso ponto de vista, é importante haver informações sobre desenvolvimento da criança. Evidentemente, temos sempre que nos lembrar que o desenvolvimento da criança está ligado a fatores extremamente mutáveis, econômicos, sociais e políticos. Desta

forma, em poucos anos, muda-se a visão de criança e as formas de se educá-la. Este fato, entretanto, não deve impedir que se tracem, em linhas gerais, alguns pontos primordiais que possam orientar os pais. Em nosso trabalho, apenas um dos programas a analisados (Como Criar Nossos Filhos) apresenta estas informações. Os outros, ou não as apresentam, ou oferecem referências bibliográficas escassas sobre o assunto. A nosso ver, omitir tais informações parece uma tentativa de impor aos pais um modelo pré-concebido de pensamento, sem permitir que eles possam decidir sobre o que acreditam ser correto ou não.

Em relação à faixa etária, parece-nos que os programas e manuais deveriam dirigir-se a pais com filhos em qualquer idade. É claro que se pode criar um programa para uma faixa etária específica. Entretanto, tanto a nível de utilidade a longo prazo, quanto a nível de informações, programas que abrangem faixas etárias mais extensas nos parecem mais indicados. Os programas analisados não se preocupam com este aspecto, na maioria. Esta especificidade de faixas etárias é justificada pelos autores ou por posições teóricas (a parte fundamental do desenvolvimento da criança se dá até os 5 anos de idade, no caso

de Dodson) ou por limitações de pesquisas (os procedimentos ainda não foram testados com crianças menores de 3 anos, no caso de Patterson), sendo que os outros autores nem justificam esta especificidade.

Quase todos os manuais e programas se dirigem ao casal e não apenas à mãe. Isto confirma nosso ponto de vista, segundo o qual um programa, para ser efetivo, deve enfatizar a participação do casal e a conseqüente divisão de responsabilidades na educação dos filhos.

O nível sócio-econômico da família é outro ponto que não parece ser importante para os autores dos programas e manuais analisados. Talvez este fato seja justificado pela origem destes programas e manuais: todos são estrangeiros. No entanto, alguns já possuem tradução para o português e para os profissionais que os possam recomendar, é muito importante levar em consideração este aspecto. Além disso, mesmo em seus países de origem, alguns destes programas possuem uma linguagem um tanto complexa, que dificulta a compreensão pela população média (ver, por exemplo, Bernal & North, 1978).

Um ponto a ser considerado também em relação às catego-

rias diz respeito à diferença entre programa e manual. Em nosso trabalho, esta diferença se traduz pelo fato de que os manuais analisados são eminentemente teóricos, ao passo que os programas apresentam conteúdo teórico aliado a formas de aplicação deste conteúdo. Se, por um lado, a possibilidade de aplicação dos programas é um aspecto importante, por outro lado, seu conteúdo teórico é extremamente específico, direcionado apenas para a aplicação dos procedimentos. Os manuais apresentam, ao contrário, um conteúdo teórico mais abrangente e com possibilidade de maior aprofundamento por parte dos pais. Entretanto, não se é pai teoricamente e, sob este aspecto, os programas levam vantagem sobre os manuais, pois prevêem a possibilidade de aplicação. Além disso, os programas apresentam exercícios de instrução programada, que, se não garantem a correta aplicação dos procedimentos, pelo menos servem para fixar o conteúdo teórico lido pelos pais. (convém lembrar que os exercícios de instrução programada são colocados apenas nos programas com base na análise experimental do comportamento).

Finalmente, devemos discutir nossas dúvidas em relação à eficácia dos programas. Das análises realizadas, fica -

nos uma dúvida essencial: são realmente eficazes os programas? O que nos parece evidente e pode ser tomado como hipótese é o fato de que, quando os pais decidem procurar ajuda em seu relacionamento com os filhos, seu grau de ansiedade já chegou a tal ponto que qualquer coisa é vista como uma tábua de salvação. Mas o que ocorre, provavelmente, é que, a partir do momento em que começam a se utilizar de um programa, começam também a se ocuparem mais dos filhos, a prestarem mais atenção ao seu relacionamento com eles, a dedicarem mais afeto. Provavelmente, em nossa hipótese, esta atenção, este afeto, distribuídos de forma coerente, talvez sejam os reais causadores das modificações no relacionamento entre pais e filhos. Então, o benefício de um programa de treinamento para pais está justamente no fato de promover neles uma visão clara e objetiva de seus próprios limites enquanto indivíduos e despertar sua atenção para seu relacionamento com o outro, representado pelos filhos. Talvez seja isto que o filho esteja pedindo aos pais com seu comportamento inadequado: que ele seja percebido, que se tome contato com suas necessidades.

Um programa que conseguir preencher estas necessidades ,

certamente será efetivo e eficaz, pois irá realizar uma modificação não apenas nos comportamentos inadequados da criança, mas uma mudança em toda uma dinâmica familiar inadequada.

VI- CONCLUSÃO: PROPOSTAS

De tudo o que foi discutido e apresentado até aqui, podemos retirar algumas propostas, que julgamos relevantes, para a realização de um programa de treinamento para pais.

1. A primeira proposta diz respeito ao objetivo. Um programa de treinamento para pais deve objetivar uma discussão e reflexão sobre o que se deseja modificar na dinâmica familiar. Esta discussão deve levar em conta que qualquer modificação nos filhos irá levar a modificações nos pais e vice-versa. Deve considerar as responsabilidades e limites dos pais, pois, embora uma pessoa não precise necessariamente modificar-se completamente apenas porque teve um filho, é certo que muita coisa irá mudar em sua vida e ela deverá estar ciente dessas mudanças. As restrições à vida social que ocorrem ao se ter um filho, as dificuldades de se conciliar trabalho e maternidade, principalmente du-

rante os primeiros meses da criança, além dos problemas de doenças, alimentação, escola, sono, são aspectos sérios a serem considerados. É muito cômodo para os pais atribuírem aos filhos a responsabilidade pela desorganização que surge em suas vidas, às vezes esquecendo-se que a opção pela paternidade foi exclusiva deles e não dos filhos. Saber que uma criança exige um grau de atenção e dedicação distinto de um adulto (e que ela não é um adulto em miniatura, mas sim uma criança), saber que ela percebe muito claramente as coisas que acontecem à sua volta, são pontos que devem ser esclarecidos por um programa de treinamento. Assim, o objetivo de um programa deve estar além de simplesmente ensinar procedimentos para a modificação do comportamento dos filhos. Deve procurar levar os pais a refletirem sobre seu papel de pais e seus sentimentos e expectativas, limites e dificuldades em seu relacionamento com os filhos.

2. Um programa de treinamento para pais deve ser capaz de esclarecer os pais numa linguagem clara, objetiva e acessível, sobre suas dificuldades. Conceitos de difícil compreensão devem ser explanados e definidos para que o programa seja aces-

sível à maioria dos pais. Não adianta colocar-se conceitos sofisticados, mas ininteligíveis, difíceis de serem aplicados a situações concretas do dia-a-dia. Não adianta também supor que os pais dominem toda uma terminologia científica, a menos que se deixe bem claro que o programa é dirigido a uma população altamente intelectualizada, de nível sócio-econômico elevado.

Pois, desde que um programa é criado, impresso e vendido livremente, supõe-se que qualquer pessoa irá ter acesso a ele. Principalmente numa realidade como a nossa, onde a maioria da população não é esclarecida o suficiente, os programas devem ser bastante cuidadosos com a linguagem que utilizam, sem deixar margem a interpretações ambíguas, que podem muito mais prejudicar do que auxiliar os pais em seu relacionamento com os filhos.

3. A fundamentação dos procedimentos apresentados pelo programa em pesquisas confiáveis é outro ponto relevante a ser considerado. Além de garantir uma generalidade de resultados, fornece um maior grau de segurança àqueles que se utilizarem do programa. Talvez, para a média dos pais, esta fundamentação não seja essencial. No entanto, para os profissionais que indicam os programas aos pais, é um parâmetro seguro que eles sejam va

lidados através de comprovação empírica. Não há garantias de que um procedimento isolado, que foi validado, ao ser agrupado junto com outros procedimentos (igualmente validados isoladamente) produza os mesmos resultados. E, a nível de segurança para o próprio autor e para aqueles que irão se utilizar do programa, é importante que este seja comprovado através de pesquisas.

4. O programa deve preocupar-se com o meio social onde a família está inserida. Isto garante que as modificações extremamente rápidas da sociedade sejam absorvidas pelo programa e aproveitadas por ele, em vez de se tornarem um empecilho à sua utilização. Nós vimos como as mudanças no ambiente social influenciam a família, vimos como em poucas décadas, a forma de se criarem filhos se transforma. E, em nossa época, estas transformações são muito rápidas. Acompanhar estas transformações supersônicas não é fácil. Os pais ficam em dúvida sobre seus valores: quais estão ultrapassados, quais deverão manter-se à revelia de qualquer mudança externa, de que maneira irão transmiti-los aos filhos. Por outro lado, as crianças recebem estas influências diretamente e por outras fontes: televisão,

escola, colegas. Quando os pais não conseguem colocar limites claros sobre o que é ou não é permitido, as crianças também se confundem e começam os conflitos. Um programa deve, então, levar em conta que, numa sociedade dinâmica, não pode permanecer estático, deve ser flexível e suficiente, para não se tornar obsoleto antes mesmo de ser aplicado.

5. O programa deve colocar sua ênfase na naturalidade e espontaneidade das relações, dando margem à possibilidade de particularização destas relações. Não podemos nos esquecer das especificidades de cada relação, embora as linhas gerais sejam comuns, pois corremos o risco de transformar o programa num "livro de receitas", o que tira a autonomia de cada relação. Como um programa é vendido e aplicado livremente, temos que nos lembrar de que alguns (ou a maioria) dos pais podem tomar os procedimentos à risca: cada vez que têm um problema, corre-se às "receitas". Conseqüentemente, o relacionamento entre pais e filhos corre o risco de perder toda a naturalidade e tornar-se rígido e inflexível.

6. O fornecimento de informações teóricas sobre o desenvolvimento da criança também deve ser um ponto a considerar, embora

sempre ressaltando o caráter geral destas informações e com as devidas ressalvas a casos particulares. Informações rigidamente fornecidas servem apenas para aumentar o nível de ansiedade dos pais e sua exigência em relação aos filhos.

7. Aliar um conteúdo teórico à aplicação deste conteúdo é uma maneira eficiente de se estruturar um programa. Os pais desejam algo concreto, que possam executar. Assim, a apresentação de conteúdo teórico apenas, aumenta a cultura geral dos pais, mas somente a aplicação destes conteúdos irá garantir um resultado efetivo.

8. É aconselhável que o programa possa abranger crianças de diferentes faixas etárias, por uma questão de comodidade dos pais (que não irão precisar montar uma biblioteca sobre educação de filhos) e de utilização do programa em um prazo mais longo, enquanto as crianças se desenvolvem.

9. O programa deve ser sempre dirigido ao casal, pois criar os filhos é uma tarefa a ser compartilhada, com todas as responsabilidades decorrentes. Não é justo que apenas um dos cônjuges assuma esta responsabilidade, nem em relação a si mesmo, nem em relação ao próprio desenvolvimento da criança.

10. Um programa também deve possuir uma forma de avaliação para os pais, através de questões de instrução programada. Estas questões devem ser bastante diretas, simples e referir-se diretamente ao conteúdo lido. Isto ajuda a fixar o conteúdo teórico, além de fornecer um feedback sobre a superação das dificuldades.

Além destes pontos propostos, poderíamos citar ainda a aplicação de um programa com grupos de pais. Parece ser uma forma eficiente de trabalhar, pois favorece a troca de diferentes experiências, além de contar a presença de uma pessoa capacitada coordenando os grupos, que possa solucionar dúvidas e propor questões para reflexão.

Concluindo este trabalho, um último ponto relevante a ser discutido é o caráter preventivo que deve permear qualquer programa de treinamento para pais. Não basta apenas ensinar os pais a lidarem com problemas emergentes, mas principalmente, evitar que novos problemas surjam no futuro.

Em uma sociedade tão mutável como a nossa, onde a cada dia surgem novos desafios e novas exigências a serem cumpridas, parece até irônico falar-se em prevenção. Estes desafios sur-

gem em nosso dia-a-dia de maneira tão rápida, tão imprevisível que, mesmo nos acreditando preparados para tudo o que possa acontecer, somos apanhados desprevenidos.

Criar filhos é um destes desafios, um dos grandes desafios de nossa sociedade contemporânea. Para que sociedade criamos nossos filhos é uma pergunta sem resposta. Hawkins, em 1972, propôs que se educassem os adolescentes para serem pais. Esta parece ser uma saída. Através do contato direto com famílias, os adolescentes iriam preparar-se para serem pais.

Hoje, 15 anos após o trabalho de Hawkins, os adolescentes ao entrarem em contato com as famílias e seus problemas, talvez até optassem por não terem filhos...

Parece-nos que a paternidade responsável só poderia ser exercida quando os pais possuírem formas adequadas de serem auxiliados e este é a função da educação: fornecer aos pais um apoio adequado, uma ajuda concreta para a solução de seus problemas com os filhos.

Os pais não são algozes de seus filhos. Eles também sofrem as consequências de uma formação deficiente, inadequada e a transmitem aos filhos, formando uma bola de neve sem fim.

Nosso papel, enquanto psicólogos e educadores é procurar interromper a avalanche, a fim de que a bola de neve não cresça, romper o círculo vicioso e instrumentalizar os pais , para que possam refletir sobre suas dificuldades e procurar resolvê-las, com dignidade e sem culpa...

14. HERBERT, E.; PINKSTON, E. & HAYDEN, M.- Adverse effects of differential parental attention. Journal of Applied Behavior Analysis, 1973, 6(1), 15-30.
15. HETHERINGTON, E. & PARKE, R.- Child Psychology: a Contemporary Viewpoint - New York - McGraw Hill Co - 1979.
16. KRUMBOLTZ, J. & KRUMBOLTZ, H.- Changing Children's Behavior New Jersey - Prentice-Hall, Inc. - 1972.
17. LEVANT, R. & DOYLE, G.- An evaluation of a parent education program for fathers of school-aged children. Family Relations, 1983, 32, 29-37.
18. LOMBANA, J. & LOMBANA, A.- The home-school partnership: a model for counselors - Personnel & Guidance Journal , 1982, 61 (1), 35-39.
19. O'DELL S.- Training parents in behavior modification: a review. Psychological Bulletin, 1974, 81(7), 418-433.
20. PATTERSON, G.- Families - Illinois - Research Press Co, 1973.
21. PINES, M.- A child's mind is shaped before age two. IN, R. DENTLER e B. SHAPIRO (org) - Readings in Educational

Psychology: Contemporary Perspectives - New York - Harper
and Row - 1976/77.

22. ROSSETTI-FERREIRA, M.C.- Mãe e Criança: Separação e Reen-
contro - São Paulo - Edicon - 1986.

23. SATIR, V.- Terapia do Grupo Familiar - Rio de Janeiro -
Francisco Alves - 1980.

24. SHORTER, E. Naissance de la Famille Moderne - Paris - Ed.
du Seuil - 1977.

25. TAVORMINA, J. Basic models of parent counselling: a critical
review. Psychological Bulletin, 1974, 81(11), 827-
835.

26. WAGONSELLER, B. & McDOWELL, R.- You and Your Child: a Com-
mon Sense Approach to Successful Parenting - Illinois -
Research Press - 1979.